

**JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA, *PERDOAR HELENA*
(LISBOA, ASSÍRIO E ALVIM, 2005).**

Perdoar Helena é o título da primeira experiência para teatro do poeta madeirense José Tolentino Mendonça. A construção narrativa surgiu do convívio do autor com os actores da companhia O.lilástico, com vista à criação de um espectáculo que reflectisse as questões debatidas nesse momento inaugural que o mesmo considerou como sendo «sem rede, sem palavras, em que só os gestos se esboçavam no ar». A peça, com dramaturgia de Jacinto Lucas Pires e encenação de Marcos Barbosa, esteve em cena em Lisboa, no Teatro Taborda, de 24 de Março a 24 de Abril de 2005, sendo uma produção conjunta da Companhia O.lilástico e dos Artistas Unidos.

O intrincado texto que o poeta, padre, professor e teólogo nos oferece consiste num diálogo entre duas personagens sem nome, entrecortado por alguns monólogos analépticos, que nos esclarecem acerca dos acontecimentos passados. Estes contêm as escassas marcas de acção da toda a peça, permitindo-nos reconstituir o fio ténue da intriga. Tudo o resto são reflexões.

Um encenador, depois de meses de trabalho na representação da *Helena* de Eurípides, decide, escassas horas antes da estreia, cancelar o espectáculo, assumindo todos os custos da produção e proibindo que a sua encenação fosse alguma vez mostrada. Retirou-se, simplesmente, sem explicar os seus motivos e remeteu-se ao silêncio. Numa das raras ocasiões em que reapareceu em público, foi para assistir ao ensaio geral de uma peça de Sófocles. Aí cruza-se com um jovem actor, seu conhecido de outros palcos, adivinhando-se uma mútua admiração. No breve diálogo que travam, o mais velho confia ao jovem que do teatro de Sófocles só lhe interessam verdadeiramente os silêncios - silêncio de Eurídice, de Dejanira e de Jocasta – pois, justifica-se, «nada como ele dá a ver». Esta referência é fundamental num texto onde o silêncio se assume, ao lado das palavras, como um significante todo-poderoso, graficamente representado nas inúmeras reticências, na incompletude das frases e semanticamente nas suspensões das ideias. Ademais, é convergindo para o clarão do silêncio que segue a vida do

encenador e este factor ilumina muitas das suas afirmações e atitudes narradas. É que a palavra, tal como a *Helena* de Eurípides, não passa de um simulacro, um *eidolon*, uma imitação da verdade ou do objecto, que faz desvanecer-se a própria verdade, tal como se desvanece a imagem de *Helena*.

Neste primeiro diálogo, o encenador confessa também a sua preferência por Eurípides, o maldito, o pária, porque ele perdoou Helena. Com esta declaração, abre-se caminho ao fio condutor da peça: a experiência libertadora do perdão, a responsabilidade, a culpa e o destino pessoal, sobressaindo a necessidade de perdoar Helena para mostrar que a guerra não faz sentido, porque todas têm por base um dolo, um engano. O encontro não termina sem que antes se lance a primeira acha: «Ainda viajam os grous pelos céus da Grécia?». Feita a interpelação, o misterioso encenador volta a desaparecer, durante muitos meses. Uma noite toca o telefone do actor. Do outro lado, uma voz quase extinta murmura: «Vejo Helena por toda a parte [...] Vejo Helena por toda a parte... repetidamente... primeiro em sonhos, apenas». O encenador assustado descreve, então, ao jovem actor como Helena, metamorfoseada de grou, o assombrosa e perseguiu através dos seus sonhos, com gritos e voos, através da fria luz, batendo insistentemente contra uma parede de vidro. O actor escuta apavorado este relato onírico que lhe faz lembrar a dor de Deméter e a sua peregrinação infernal em busca de Perséfone - imagem dissimulada, mas repetida, tanto na peça de Tolentino Mendonça como na de Eurípides, que junta o destino penoso das deusas ao de Helena. Assim, apercebe-se que a sua tarefa, desde o início, era descer aos infernos para resgatar aquele que do outro lado da linha agonizava e parte, resoluto, ao seu encontro. A partir daqui começam as visitas (supõe-se) regulares do actor ao encenador. O diálogo que percorre toda a peça resulta, pois, de uma dessas visitas.

Reunidos, assim, pela tecedeira, predicado que na *Ilíada* se atribui Helena, a que, como bem sabemos, tece as batalhas entre Gregos e Troianos, personagem 1 e personagem 2 tecem considerações de âmbito poético-filosófico em torno da *Helena* de Eurípides, da produção dramática eurípidiana e de outros assuntos que vêm agarrados a estes. O encenador, uma espécie de mestre ou guia, vai conduzir o seu discípulo, como a um berbere, numa expedição verbal para o que designa de «acampamento desconhecido, um deserto distante», ao encontro do sublime e da verdade. É que nesta peça tudo são migrações: há a migração das aves, a dos berberes, a migração clandestina de personagens anónimas nas tragédias eurípidianas e

ainda a migração constante de palavras e imagens da *Helena* de Eurípides para o texto de Tolentino Mendonça.

No texto de Tolentino Mendonça, não há explicitações, apenas sugestões. A sua prosa, contaminada de poesia, não explica, implica, por isso raramente há uma resposta clara e precisa. Por vezes, «não há um sentido: apenas palavras vibram na luminosidade do ar».

MARTINHO SOARES